

Modelos teóricos de politização da bioética – Uma revisão da literatura

Theoretical models of bioethics politicization – A literature review

*António J. Marques dos Santos**

Resumo

A politização da bioética é uma consequência da sua entrada na esfera pública. Este trabalho mostra a literatura, emergência do tema e a possibilidade de observar diferentes modelos subjacentes ao tema. Este estudo reúne a literatura sobre este tema e logo, através de uma metodologia qualitativa, pretende contribuir para a sua clarificação através da organização dos modelos encontrados. Após consulta das principais bases de dados, recuperamos 21 referências de 2145 listadas. A sua análise deu origem a 7 modelos teóricos explicativos do processo de politização da bioética. A politização da bioética é inevitável. Apesar de ter aparecido nos EUA, esta discussão começa a tomar dimensões noutros países. Apesar de haver modelos já estabilizados, há ainda espaço para outras interpretações. A bioética pública, a sua ligação a questões de saúde pública ganha relevância no âmbito do processo de politização. Todos os modelos se pretendem impor como padrão explicativo.

Palavras chave: bioética, politização, políticas públicas.

Resumen

La politización de la bioética es una consecuencia de su entrada en la esfera pública. Este trabajo hace un repaso de la literatura, su alcance y la posibilidad de mirar diferentes modelos subyacentes al tema. Este estudio reúne la literatura sobre este tema y luego usando una metodología cualitativa busca contribuir a una explicación organizando los modelos encontrados. Previa consulta con las principales bases de datos, se han recuperado 21 referencias de las 2145 listadas. Su análisis ha dado origen a siete modelos teóricos explicativos de la politización de la bioética. La politización de la bioética es inevitable. A pesar de haber aparecido en los EE.UU, esta discusión empieza a tomar relieve en otros países. Aunque hay modelos ya estabilizados, todavía hay espacio para otras interpretaciones. La bioética pública y su conexión con los problemas de la salud pública ganan relieve en el proceso de politización. Todos los modelos están destinados a ser impuestos como modelo explicativo.

Palabras clave: bioética, politización, políticas públicas.

Abstract

The politicization of bioethics is a consequence of its entry into the public sphere. This work shows the literature, the emergency of this issue and the possibility of existing different models. This study brings together the literature on this topic and then through a qualitative methodology is intended to contribute to explain it through the organization of models found. After consulting the major databases, we recovered 21 of 2145 references returned. This analysis has resulted in seven theoretical models of politicization of bioethics. The politicization of bioethics is inevitable. Despite having appeared in the US, this discussion takes dimensions in other countries. Models are not yet firm, creating space for different interpretational frameworks. Public bioethics, their connection to public health issues acquires relevance within the politicization process. All models are intended to be imposed as explanatory pattern.

Keywords: bioethics, politicization, public policy.

Introdução

A politização é um fenómeno intrínseco à bioética; apesar de acontecer com maior ou menor intensidade nos países onde esta se tem instituído,

a verdade é que foi nos EUA que esta discussão tomou dimensões maiores. Há uma condição política na bioética (Irvine 2009); ela concentra em si características e especificidades apetecíveis ao fenómeno da politização. A sua capacidade de

* Mestre em Bioética e Doutorando em Políticas Públicas, Investigador no Instituto de Saúde Ambiental da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa; contato: ajmarquesdosantos@gmail.com

chamar à atenção, a proximidade com a política e com os políticos, a exposição pública, a natureza dilemática dos seus temas, mas, sobretudo a sua gradual aproximação a temas da saúde pública e das populações fazem com que haja, cada vez mais, um aproveitamento (indevido ou não) por parte dos políticos e da política. Por se tratar de uma área sensível da sociedade e com capacidade de criar divisões, a natureza dos seus assuntos é propensa a um tipo de politização. A abordagem do tema em torno da politização da bioética é uma dimensão importante e que pode contribuir para uma melhor compreensão quer do tipo de relação que se estabeleceu entre a bioética e as políticas públicas e o tipo de poder que se constituiu em redor da bioética, quer o tipo de agendamento político que tem sido feito dos temas da bioética. No entanto, existem aspectos que não podemos ignorar na abordagem deste assunto, desde logo:

(i) O que se entende por politização? A politização é um termo simples, mas ainda indefinido e impreciso (Irvine 2009). Trata-se de uma ação ou processo de tornar ou destacar algo num contexto político (Oxford English Dictionary). Trata-se de uma ação da política e dos políticos que leva à apropriação de um tema da bioética e que através da sua natureza dilemática o tornam um assunto de escolhas partidárias.

(ii) Características da politização: Primeiro, há um movimento reversível (Brown 2009) e comum a esta temática: o que é politizável também é despolitizável. Este fenómeno aplica-se à bioética na medida em que os temas têm uma origem científica epistémica, posteriormente em função dos interesses e da apropriação política, a sua natureza assume (ou não) um carácter político; porque os dilemas da bioética são sempre entrelaçados com poder e porque quase sempre envolvem conflitos de valores, opiniões ou visões do mundo, a bioética é hoje facilmente politizada (Brown 2009). Segundo, há um carácter temporal associado ao fenómeno de politização da bioética, ou seja, um determinado tema da bioética pode ser durante um período objeto de politização, deixando de o ser noutro período. Terceiro, há uma hierarquia na politização, na medida em que há temas mais propensos ao fenómeno da

politização que outros. Nem todos os temas da bioética precisam ser resolvidos na praça pública; há temas que são indiscutivelmente resolvidos de forma mais adequada no âmbito da relação médico-doente. Em quarto lugar, há um movimento do privado para o público, na medida em que a politização ocorre de forma mais intensa quanto mais ela for objeto de consideração pública. A literatura da politização da bioética está normalmente ancorada em temas suscetíveis à sua politização, tais como: Investigação e Ciência; Tecnologias Reprodutivas; Comissões Nacionais e a nomeação dos seus membros. Em quinto lugar, há um processo diferenciado, na politização da bioética que decorre da natureza e especificidade das suas temáticas. Brown (2009) afirma que este processo diferenciado é protagonizado por alguns ativistas da bioética que se afastaram e saíram das coordenadas da bioética académica. Em sexto lugar, podemos relacionar a politização dos temas da bioética com os países onde eles ocorrem, na medida em há temas da bioética, que são politizados em determinados países e não são em outros países.

(iii) Fundamentos da politização da bioética. A bioética, apesar de ter sido forjada com o cunho das populações, a verdade é que durante algum tempo, não foi essa a trajetória seguida, tendo-se ficado, num registro ligado à relação médico-doente. Apesar de tudo, os assuntos ligados ao estudo das populações entram com maior facilidade na agenda política e como tal, susceptíveis de uma politização mais intensa. A politização pode ainda significar e ser uma consequência, um momento de maturidade da bioética. A política é a forma como o poder é exercido e a bioética, uma vez relacionada com o poder, está condenada a jogar as regras deste jogo. Da mesma forma, e a partir da definição de política como um subconjunto de relações sociais onde as pessoas enfrentam pressão para levar a cabo uma ação colectiva, mediado pelo poder (físico, cultural, económico) podendo este ser exercido direta ou indiretamente através da estruturação da escolha das pessoas, podemos afirmar que o contexto em torno do *policymaking* da bioética se enquadra nesta definição. A literatura oriunda da biopolítica afirma que a bioética é, apesar

de tudo, indissociável da política. A bioética é a continuação das lutas políticas por outros meios (Bishop e Jotterand 2006); o discurso da bioética é cada vez mais político e um exemplo disso é a forma como a linguagem da política entra, cada vez mais, na linguagem da bioética.

(iv) Vantagens e perigos da politização da bioética: Há sempre vantagens e perigos associados à politização da bioética. A literatura faz referência a uma politização positiva e negativa. A politização, se conduzida de uma forma coerente, plural e transparente, pode ajudar na proximidade com as políticas públicas, e a bioética precisa desta proximidade; pode ser mais uma forma de resolução de conflitos ajudando a aliviar tensões na sociedade, dar visibilidade a um problema, na medida em que são questões que na maioria das vezes ficam restritas a um grupo de experts e fechada numa linguagem muito particular. É preciso, por isso, que estes temas assumam uma dimensão pública. A politização é por vezes, a única forma destes temas serem objeto de agendamento e isso pode ser positivo. Por outro lado, há perigos associados à politização da bioética, na medida em que a apropriação pela política subverte habitualmente, a natureza inicial dos temas da bioética.

(v) Há fatores que contribuíram para a politização da bioética nomeadamente, a sua natureza dilemática, o alargamento da agenda da bioética e a cada vez mais crescente preocupação com a saúde pública e saúde das populações; o aproveitamento político de determinados temas a que as elites políticas denominam de “questões fracturantes”; o assumir de uma natureza global e pública, na medida em que, os assuntos e temas da bioética estão cada vez mais perto dos cidadãos; as organizações internacionais da bioética (Conselho Internacional de Bioética) e a elaboração dos principais documentos internacionais da bioética, como por exemplo a Declaração Universal de Bioética e dos Direitos Humanos (UNESCO) e a negociação e procura de consenso entre Estados sobre a redação e a forma final de inclusão dos temas.

(vi) As várias dimensões da bioética e a sua politização: A Bioética assumiu dimensões diversas

em função das áreas de intervenção, tais como: política; pública; clínica; organizacional; académica; há dimensões da bioética com maior propensão ao fenómeno da politização. A bioética em contexto de ação coletiva e bem comum implica um componente inevitavelmente mais politizável. Tal como afirma Irvine (2009) a bioética clínica e académica são as duas dimensões que estão mais afastadas deste fenómeno de politização. No entanto, há temas da bioética clínica, que assumem a natureza de “eventos focalizadores”, como por exemplo, as questões de início e fim de vida, podendo por isso assumir níveis de politização mais elevados.

(vii) Aspectos éticos decorrentes da politização da bioética: não poderíamos nesta abordagem, deixar de alertar para as questões éticas que decorrem da politização da bioética, uma vez que ela tem uma missão específica para com a dignidade humana. A sua politização corre sempre o risco de desviar a sua atenção para questões que desvirtuem a sua natureza inicial e que em última análise podem interferir com a sua missão essencial.

Objetivos e Métodos

Este estudo, qualitativo e exploratório, mais do que se posicionar de forma crítica perante este tema, pretende organizar de forma coerente e sistemática uma literatura específica e ainda dispersa, que tem surgido em torno do tema da politização da bioética. Pretendemos saber por um lado, se é possível sistematizar modelos, padrões e/ou quadros teóricos explicativos que se construíram em torno do fenómeno de politização da bioética e se estes modelos poderão ou não, ajudar a compreender e a explicar a especificidade de determinados fenómenos; por outro lado, se algum dos modelos tem tendência a impor-se na explicação deste fenómeno.

A pesquisa foi efectuada, entre Novembro de 2013 e Janeiro de 2014 e foram utilizadas, as bases de dados MEDLINE, EMBASE, CINAHL, e EUROETHICS, bem como o recurso à pesquisa manual.

Como critérios de exclusão e inclusão, tivemos a preocupação de incluir no nosso estudo todos os

artigos que fizessem referência aos fundamentos essenciais do nosso tema e, por outro lado, aos modelos que se foram construindo em redor dele. Não incluímos nesta revisão, nem a literatura que se refere exclusivamente à realidade particular dos EUA, nem a literatura em torno da bioética e políticas públicas e biopolítica, uma vez que se tratam de realidades próximas, mas diferentes do nosso foco de análise.

Após devolução de 2145 artigos pelas bases de dados referidas foi pedido uma segunda opinião a um expert em bioética, como forma de consenso na inclusão dos artigos que suscitaram dúvidas.

Tratando-se de um trabalho de revisão da literatura, seguimos a metodologia referenciada em

Strech D., Synofzik M. & Marckmann G. (2008) como forma de uniformizar as revisões sistemáticas em bioética.

As 21 referências que compõem a nossa revisão da literatura encontram-se na bibliografia deste trabalho e serão mencionadas nos resultados como suporte explicativo a cada modelo de politização da bioética. A figura 1 mostra o caminho percorrido desde a devolução de 2145 referências até à inclusão final de 21 referências.

A figura 2 mostra as 21 referências recuperadas e que serviram de base à nossa análise.

Gráfico 1

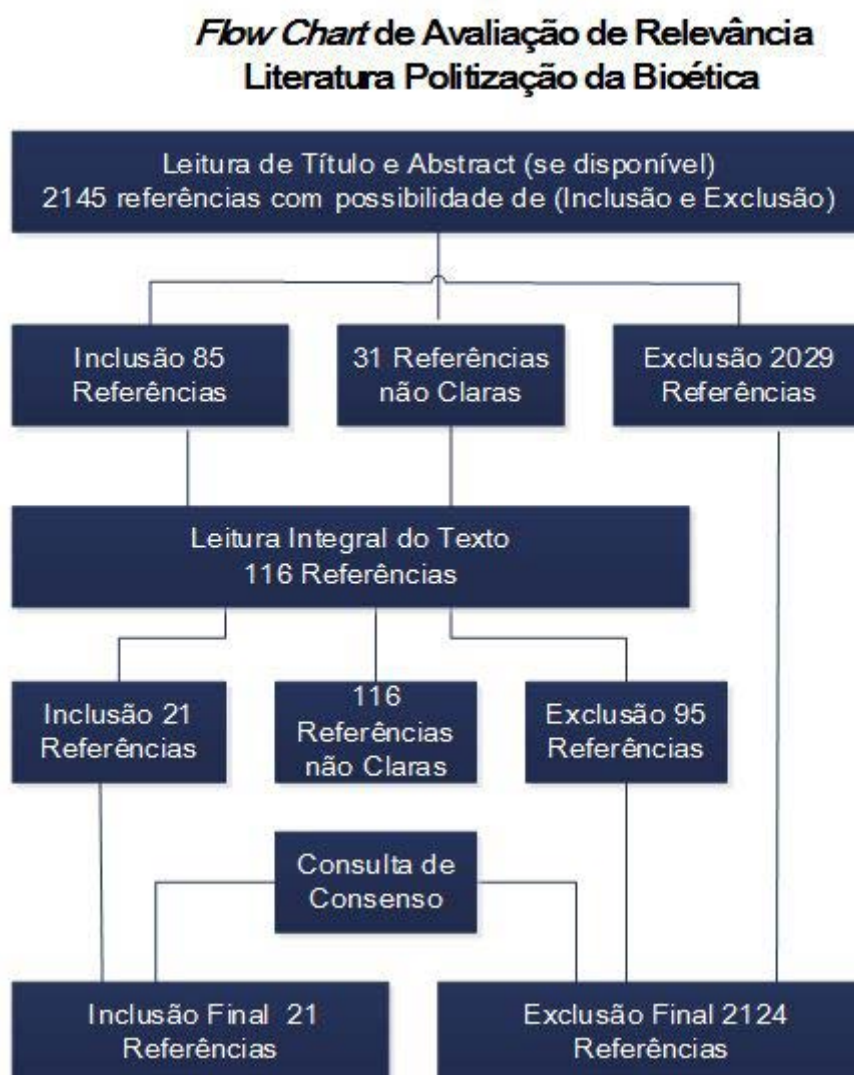


Gráfico 2
Lista de 21 Referências Bibliográficas Recuperadas

- Berger, Sam**, Politics by another name, *American Journal of Bioethics*, 9(2):61-3, 2009 Feb. [Comment]
- Blank, Robert H**, Bioethical decisions: the political context and challenges, *Bioethics Quarterly*, 3(3-4):163-79, 1981 Fall-Winter.
- Brown, Mark B**, Three ways to politicize bioethics, *American Journal of Bioethics*. 9(2):43-54, 2009 Feb
- Caplan, Arthur**, “Who Lost China?” A Foreshadowing of Today’s Ideological Disputes in Bioethics, *Hastings Center Report*, Volume 35, Issue 3, June 2005, pages 12 -13
- Charo, R. Alta**; 2005. Realbioethik. *Hastings Center Report* 35(4): 13–14.
- Charo, R. Alta**; Passing on the Right: Conservative Bioethics is Closer Than It Appears”; *Journal of Law, Medicine & Ethics* (32 J.L. Med. & Ethics 307);
- Cohen, Eric, Kristol, William**, The politics of bioethics, *Human Life Review*. 30(2):7-15, 2004.
- Durante, Chris**, Republicanism in bioethics?, *American Journal of Bioethics*, 9(2):55-6, 2009 Feb. [Comment]
- Duwell, M**, Bioethics and politics--a few critical remarks on current discourse, *Biomedical Ethics*, 3(3):94-7, 1998.
- Garrafa, Volnei**, Expansion and politicization of the international bioethics concept, *Revista Bioética* (Impr.) 2012; 20 (1): 9-20)
- Irvine, Rob**, The political condition of bioethics, *American Journal of Bioethics*, 9(2):63-4, 2009 Feb. [Comment]
- Johnson, Summer**, Welcome to the bioethics presidency, *American Journal of Bioethics*, 9(2):1-2, 2009 Feb. [Editorial]
- Kahn, Jeffrey P**, What happens when politics discovers bioethics?, *Hastings Center Report*, 36(3):10, 2006 May-Jun.
- Magnus, David**, Bioethics and President Obama, *American Journal of Bioethics*, 10(5):1-2, 2010 May. [Editorial]
- Mareiniss, Darren P**, Bioethics, science, and politics, *New England Journal of Medicine*, 351(3):298-300; author reply 298-300, 2004 Jul 15. [Comment]
- Maschke, Karen J**, The federalist turn in bioethics? *Hastings Center Report*, 37(6):3, 2007 Nov-Dec. [Comment]
- McGee, Glenn**, Bioethics for the president and bioethics for the people, *American Journal of Bioethics*, 2(2):1-2, 2002. [Editorial]
- McGee, Summer**, Ideology and politicization in public bioethics, *Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics*, 20(1):73-84, 2011 Jan.
- Pellegrino, E. D.** 2006. Bioethics and politics: “Doing ethics” in the public square. *Journal of Medicine and Philosophy* 31: 569–584.
- Schuklenk, Udo**, National bioethics commissions and partisan politics, *Bioethics*, 22(6): ii-iii, 2008 Jul. [Editorial]
- Turner, Leigh**, Politics, bioethics, and science policy, *HEC Forum*, 20(1):29-47, 2008 Mar.

Resultados

Após análise das 21 referências recuperadas, apresentamos 7 modelos teóricos explicativos do processo de politização da bioética. No entanto,

estamos conscientes, como refere Irvine (2009) que os paradigmas de politização da bioética não estão, ainda, estabilizados e este fato leva à criação de espaços interpretativos para novos modelos.

Gráfico 3
Modelos Teóricos de Politização da Bioética

MODELOS	BIBLIOGRAFIA
Modelo 1 Politização "P" maiúsculo	Kahn, Jeffrey P , What happens when politics discovers bioethics? <i>Hastings Center Report</i> . 36(3):10, 2006 May-Jun. Pellegrino, E. D. 2006. Bioethics and politics: "Doing ethics" in the public square. <i>Journal of Medicine and Philosophy</i> 31: 569–584.
Modelo 2 Politização "p" minúsculo	Maschke, Karen J , The federalist turn in bioethics? <i>Hastings Center Report</i> . 37(6):3, 2007 Nov-Dec. [Comment] Pellegrino, E. D. 2006. Bioethics and politics: "Doing ethics" in the public square. <i>Journal of Medicine and Philosophy</i> 31: 569–584. Schuklenk, Udo , National bioethics commissions and partisan politics, <i>Bioethics</i> . 22(6): ii-iii, 2008 Jul. [Editorial]
Modelo 3 Politização decorrente dos modelos políticos: liberalismo; comunitarismo; republicanismo.	Brown, Mark B , Three ways to politicize bioethics, <i>American Journal of Bioethics</i> . 9(2):43-54, 2009 Feb Durante, Chris , Republicanism in bioethics? <i>American Journal of Bioethics</i> . 9(2):55-6, 2009 Feb. [Comment]
Modelo 4 Politização decorrente do aparato governamental	Charo, R. Alta ; Passing on the Right: Conservative Bioethics is Closer Than It Appears"; <i>Journal of Law, Medicine & Ethics</i> (32 J.L. Med. & Ethics 307); Cohen, Eric, Kristol, William , The politics of bioethics, <i>Human Life Review</i> . 30(2):7-15, 2004. Duwell, M , Bioethics and politics--a few critical remarks on current discourse, <i>Biomedical Ethics</i> . 3(3):94-7, 1998. Irvine, Rob , The political condition of bioethics, <i>American Journal of Bioethics</i> . 9(2):63-4, 2009 Feb. [Comment] Johnson, Summer , Welcome to the bioethics presidency, <i>American Journal of Bioethics</i> . 9(2):1-2, 2009 Feb. [Editorial] Magnus, David , Bioethics and President Obama, <i>American Journal of Bioethics</i> . 10(5):1-2, 2010 May. [Editorial] McGee, Glenn , Bioethics for the president and bioethics for the people, <i>American Journal of Bioethics</i> . 2(2):1-2, 2002. [Editorial]
Modelo 5 O Poder, a disputa entre Ideologias e a deturpação de fatos científicos	Blank, Robert H , Bioethical decisions: the political context and challenges, <i>Bioethics Quarterly</i> . 3(3-4):163-79, 1981 Fall-Winter. Mareiniss, Darren P , Bioethics, science, and politics, <i>New England Journal of Medicine</i> . 351(3):298-300; author reply 298-300, 2004 Jul 15. [Comment] McGee, Summer , Ideology and politicization in public bioethics, <i>Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics</i> . 20(1):73-84, 2011 Jan. Turner, Leigh , Politics, bioethics, and science policy, <i>HEC Forum</i> . 20(1):29-47, 2008 Mar.
Modelo 6 Bioética internacional e agendamento	Garrafa, Volnei , Expansion and politicization of the international bioethics concept, <i>Revista bioética</i> (Impr.) 2012; 20 (1): 9-20)
Modelo 7 Temas da bioética	Berger, Sam , Politics by another name, <i>American Journal of Bioethics</i> . 9(2):61-3, 2009 Feb. [Comment] Caplan, Arthur , "Who Lost China?" A Foreshadowing of Today's Ideological Disputes in Bioethics, <i>Hastings Center Report</i> , Volume 35, Issue 3, June 2005, pages 12 -13 Charo, R. Alta ; 2005. Realbioethik. <i>Hastings Center Report</i> 35(4): 13–14.

Modelo 1 – Politização com “P maiúsculo”

O modelo de politização positivo referido por Kahn (2006) remete para um momento crucial que a bioética está a atravessar; muitas personalidades foram atraídas para a bioética pela sua (potencial) ligação à política. Muitos debates neste âmbito eram debates enigmáticos sobre questões muito técnicas. No entanto, o principal elemento que trouxe reconhecimento à bioética foi a sua clarividência, ou seja, a sua capacidade de discernir, explicar elementos complexos para serem colocados na esfera da decisão. É preciso, portanto, que a bioética esteja mais atenta ao fenómeno político. A maturidade na bioética trouxe-lhe uma componente política; a política trouxe-lhe reconhecimento e com reconhecimento vem sempre poder (Caplan 2005). A bioética académica tem um papel e um comprometimento diferente da bioética política, no entanto, elas devem conviver mutuamente. “A bioética convencional e académica está a ser subordinada a critérios políticos” (Kahn 2006). Ainda assim, adverte o mesmo autor, devemos-nos certificar de que as políticas e a política não se tornam uma e a mesma coisa. A politização positiva pode ainda, estar associada, ao agenda-setting como forma de dar visibilidade a uma questão ética urgente. O modelo de politização positiva é sustentado por Kahn (2006) e Pellegrino (2006).

Modelo 2 - Politização com “p” minúsculo”

O modelo de politização negativa está associado à noção apresentada por Maquiavel de interesses individuais e é proposto por Pellegrino (2006). Uma vez colocada em andamento a politização leva a resultados destrutivos: a sua mais valia epistémica e de deliberação racional, argumentação lógica e a construção de um pensamento coerente é substituída por preferências, decisões e ideologias partidárias. A disciplina corre o risco de cortar com a sua raiz primária de legitimidade, perdendo a sua neutralidade e a possibilidade de comunicar a sua teorização académica (Irvine 2009). Uma das formas mais recorrentes de politização negativa é a partidarização; esta tem tendência para subver os temas marcadamente bioéticos para temas políticos. É por isso, cada vez mais usual ouvir referências a uma bioética

de esquerda, bioética de direita, bioética laica, bioética cristã, bem como o papel dos Conservadores e Progressistas, Republicanos e Liberais na bioética, no caso dos EUA. Este modelo de politização pode ser sustentado por diversos autores (Schuklenk 2008; Maschke 2007; Pellegrino 2006).

Modelo 3 - Politização decorrente dos modelos políticos

Liberalismo - Tendo em conta a perspectiva e o modelo político que subjaz à teoria liberalista, o papel principal da bioética, sobretudo no governo dos Conselhos de Bioética é atender às necessidades dos decisores tanto no que diz respeito ao aconselhamento objetivo como no capítulo da autoridade do conhecimento ético. O Conselho, a Comissão de Ética, apresenta elementos de reflexão aos decisores. A bioética liberal modela-se a ela mesma num modelo racionalista e numa visão decisionista da expertise bioética, segundo o qual, os peritos fornecem conhecimento objetivo e neutro, que permite aos não-especialistas perseguir as suas preferências subjetivas. A bioética, nas suas formulações, segundo o liberalismo deve empenhar-se em fornecer objectividade e liberdade de escolha, longe da influência política (Brown 2009).

Comunitarismo - Da mesma forma que acontece com o liberalismo também o comunitarismo tem aparecido sob várias formas nos últimos anos. O comunitarismo aparece por oposição ao liberalismo individual. O agente faz as suas escolhas racionais livres dos constrangimentos sociais. Para os comunitarianos o ser humano é um animal social. Estão comprometidos com as “liberdades positivas” entendidas tanto como um assunto de auto-controle individual e auto-governo coletivo por meio de deliberação participativa. Esta noção está também associada com o humanismo cívico aristotélico e com uma participação virtuosa na comunidade. Uma vantagem que pode surgir desta contextualização comunitária relativamente ao consenso é porque parece facilitar uma maior consciência relativa às dimensões sociais da biotecnologia (Brown 2009).

Republicanismo - Quer os liberais quer os comunitaristas vêm a política através de princípios de ordem social, direitos naturais e da comunidade respectivamente. Da mesma forma que o republicanismo de Maquiavel insiste que a ordem social só pode ser estabelecida pela política, conflito e mudança são características que não podem ser eliminadas da política, também os Republicanos seguidores do modelo de Maquiavel acreditam que o homem só se corrompe na ausência de boas leis. Maquiavel aplica este conceito tanto ao cidadão comum como aos príncipes. Todas as pessoas que não são governadas por leis cometem os mesmo erros que as multidões desgobernadas. Onde os liberais se focam em “liberdades positivas” relativamente à participação cívica, os republicanos vêm liberdade na não dominação, ou seja, no fato de não serem objetos da autoridade arbitrária.

Enquanto os liberais procuram uma minimização das funções do Estado em prol da escolha individual, os republicanos focam-se nas restrições de ideias e interesses permanecendo, em aberto, a contestação pública; estes são os meios necessários para proteger os cidadãos do governo e da sociedade. Também da mesma forma que os liberais reduzem a participação política a eleições e competição entre grupos de interesse e os comunitaristas elevam este aspeto a um elemento chave da vida boa, os republicanos não rejeitam a possibilidade de que a participação pode ter benefícios intrínsecos, tais como a educação ou virtude cívica, também elogiada pelos comunitaristas. A participação política é necessária para evitar dominação. Os republicanos tendem a delegar as decisões em representantes eleitos mas, quando isso ajuda a promover os interesses dos cidadãos.

O Republicanismo destaca a importância das Instituições, bem como as regras e os procedimentos estabelecidos de modo a facilitar a contestação pública ou privada. A principal forma de as instituições republicanas facilitarem a contestação pública é através da forma igualitária como distribuem o poder, ajudando a suprimir conflitos de uns que tenham mais poder que outros. Os liberais distribuem o poder de forma desigual dando mais primazia ao sector privado, deslocando

o poder governamental para os mecanismos de mercado (Warren 1999). Dada a forma como os republicanos facilitam a contestação pública através da distribuição igualitária do poder, eles são relutantes quanto ao estabelecimento de fontes de poder epistémico, incluindo a expertise bioética não sujeita a constrangimentos institucionais para a contestação pública. Esta visão tem implicações no desenho dos Conselhos de Bioética e no seu papel no âmbito da bioética pública. O modelo de politização republicana é criticada por alguns autores entre os quais Durante (2009).

Modelo 4 - Politização decorrente do aparato governamental

Dentro deste modelo apresentamos duas visões distintas através da qual poderá ocorrer uma politização da bioética:

(i) O Poder exercido pelas Elites Políticas - Este modelo de politização acontece quando as elites políticas e grupos de interesse controlam e manipulam as instituições da bioética; e.g. quando os partidos políticos nomeiam ou colocam indivíduos em posições de instituições da bioética e/ou comissões nacionais. Apesar de esta posição ter sido originariamente contextualizada no ambiente político dos EUA, trata-se, no entanto, de um modelo, que se poderia adaptar à realidade europeia. Esta visão é sustentada por Charo (2004).

(ii) O exercício do Poder Top – Down e a supressão de “vozes-chave” – esta visão parte da forma tradicional como é exercido o poder, ou seja: “de cima para baixo” e refere-se concretamente à supressão de lugares e “vozes-chave” dentro da bioética motivada por interesses políticos ou ideológicos; esta visão tem que ver com a influência que determinados atores considerados “influentes” têm no rumo das decisões em bioética nos respectivos países; este modelo apesar de referido por Irvine (2009) pode ser fundamentado em Charo (2004).

Modelo 5 - O Poder, a disputa entre ideologias e a deturpação de fatos científicos

Este modelo acontece por via da deturpação dos fatos científicos através de lutas políticas entre

a ciência e a política e que têm como objetivo o estabelecimento de ideologias. Há uma distorção da originalidade epistémica dos temas da bioética e uma transposição para temas da política e dos políticos. Este modelo é construído em torno dos fatos científicos e das respetivas teorizações. As lutas ideológicas constituem um fator importante na determinação deste modelo. Que pode também ser observado por via da partidarização da bioética e é bem expresso por Blackburn (2004). Trata-se de um tipo de politização decorrente do poder que as ideologias podem exercer sobre as nações (Caplan 2005). Esse autor salienta o papel importantíssimo que a bioética pode exercer como um dos atores centrais na condução das ideologias científicas das nações, bem como as potencialidades da bioética, a sua maturidade, reputação e consolidação como um recurso fundamental para os profissionais de saúde, cientistas, grupos de pressão de pacientes, e sobretudo policymakers. A bioética criou um novo mundo na arena pública, que é tempestuosa, perigosa e imprevisível. A chave para navegar neste mundo, reforça o autor é admitir estes fatos. Este modelo pode ser sustentado por vários autores: Blank (1981), Mareiniss (2004), McGee (2011), Turner (2008).

Modelo 6 – Bioética internacional e agendamento

Este modelo de politização ainda que de uma forma implícita foi tratado por Volnei Garrafa, ator central da Bioética Internacional, sendo actual Presidente da Cátedra de Bioética na UNESCO no Brasil. O modelo foi construído com base nas determinações através das quais se desenha a agenda internacional da bioética e a capacidade que determinados atores e instituições têm na elaboração dessa mesma agenda; este fato constitui uma outra via de politização da bioética. Estes temas passam por um fenómeno de politização, antes de figurarem na agenda internacional da bioética. A elaboração de documentos internacionais da bioética pode comportar um elemento de politização a priori na medida em que se estabelecem a montante, lutas políticas e congregações de esforços no sentido de influenciar a figuração de determinados temas nesses documentos e, por conseguinte, com outra capa-

cidade de agendamento nos diversos estados. Normalmente estas disputas acontecem entre países ricos e países pobres. Este modelo tem vindo a ser teorizado por Garrafa (2012).

Modelo 7 – Temas da Bioéticas

Charo (2005) contribuiu, por duas razões, para evidenciar o modelo, provavelmente, mais comum na politização da bioética: por um lado, há determinados temas que pela sua natureza têm uma capacidade, mais que outros, de constituir um elemento de politização. O autor, através de uma elencação de temas da bioética real, apela à sua capacidade de politização; por outro lado o autor realça o fato de determinados assuntos da bioética serem mais politizados nuns países do que noutros. Para o autor, da mesma forma que para Aristóteles o Homem é naturalmente um animal político, também a bioética é naturalmente objeto de politização e de política. Modelo sustentado por Berger (2009), Caplan (2005) e Charo (2005).

Conclusões

- (i) A politização da bioética é um assunto inevitável tendo em conta a natureza dilemática e sensível que os seus temas provocam na sociedade. A politização ocorre através do encontro entre a bioética e o poder; ela pode ser positiva ou negativa, em grande medida pela forma como este encontro ocorrer;
- (ii) A discussão em torno da politização da bioética aparece nos EUA e é aqui que esta discussão tem sido feita de forma mais acesa. Apesar de tudo começa a tomar dimensões noutros países, através dos mesmos moldes em que ocorre nos EUA;
- (iii) É possível sistematizar modelos interpretativos, que nos permitem compreender e explicar de forma mais coerente o fenómeno de politização da bioética, havendo ainda espaço para outras reinterpretações.
- (iv) Todos os modelos têm uma coisa em comum: o fato de se querer impor como padrão explicativo. Apesar da maioria dos modelos serem oriun-

dos da realidade norte americana, a verdade é que podem, ser aplicados, a outras realidades;

(v) A bioética pública e a sua cada vez maior ligação a questões de saúde pública e das populações é uma dimensão que tem vindo a ganhar relevância no contexto da politização da bioética;

(vi) A revisão da literatura evidencia a existência de perigos e vantagens na politização da bioética: se por um lado a politização subverte a natureza dos temas da bioética, levando à perda da sua raiz primária de legitimidade, da sua neutralidade, do que realmente traduz para se tornar num assunto da política e dos políticos. Por outro lado, a politização pode dar visibilidade e tornar a bioética num objeto de poder e influência junto das políticas públicas, sobretudo as de saúde.

(vii) A politização pode ser um dos momentos fundamentais no agenda-setting e ao mesmo tempo de visibilidade positiva para as políticas da bioética. Há determinadas questões da bioética que carecem de visibilidade para a sua resolução.

(viii) A politização da bioética, bem como outro elemento da ciência ou da medicina pode ser comparada com a politização de outras práticas sociais, na medida em que o que está em causa é um aproveitamento dos temas por parte da política e dos políticos.

Entregado 28- 9 - 2015
Aprobado 22- 11 - 2015

Bibliografia

- BERGER, S., 2009. Politics by another name, American Journal of Bioethics, 9(2):61-3, Feb. [Comment]
- BISHOP, J. & JOTTERAND, F., 2006. Bioethics as Biopolitics, Journal of Medicine and Philosophy, 31 (3): 205-2012.
- BLANK, R., 1981. Bioethical decisions: the political context and challenges, Bioethics Quarterly, 3(3-4):163-79.
- BROWN, M., 2009. Three ways to politicize bioethics, American Journal of Bioethics, 9(2):43-54,
- CAPLAN, A., 2005. Who Lost China? A Foreshadowing of Today's Ideological Disputes in Bioethics, Hastings Center Report, Volume 35, Issue 3:12 -13.
- CHARO, A., 2004. Passing on the Right: Conservative Bioethics is Closer Than It Appears, Journal of Law, Medicine & Ethics, (32 J.L. Med. & Ethics 307).
- CHARO, A., 2005. Realbioethik, Hastings Center Report, 35(4): 13-14.
- COHEN, E. & KRISTOL, W., 2004. The politics of bioethics, Human Life Review, 30(2):7-15.
- DURANTE, C., 2009. Republicanism in bioethics? American Journal of Bioethics, 9(2):55-6, [Comment]
- DUWELL, M., 1998. Bioethics and politics-a few critical remarks on current discourse, Biomedical Ethics, 3(3):94-7.
- GARRAFA, V., 2012. Expansion and politicization of the international bioethics concept, Revista Bioética (Impr.), 20 (1): 9-20.
- GREEN, R., 2006. For richer or poorer? Evaluating the President's Council on Bioethics, HEC Forum 18(2): 108-124.
- IRVINE, R., 2009. The political condition of bioethics, American Journal of Bioethics, 9(2):63-4, [Comment].
- JOHNSON, S., 2009. Welcome to the bioethics presidency, American Journal of Bioethics, 9(2):1-2, [Editorial].
- KAHN, J., 2006. What happens when politics discovers bioethics? Hastings Center Report, 36(3):10.
- MAGNUS, D., 2010. Bioethics and President Obama, American Journal of Bioethics, 10(5):1-2, [Editorial].
- MAREINISS, D., 2004. Bioethics, science, and politics, New England Journal of Medicine, 351(3):298-300, [Comment].
- MASCHKE, K., 2007. The federalist turn in bioethics? Hastings Center Report, 37(6):3, [Comment].
- MCGEE, G., 2002. Bioethics for the president and bioethics for the people, American Journal of Bioethics, 2(2):1-2, [Editorial].
- MCGEE, S., 2011. Ideology and politicization in public bioethics, Cambridge Quarterly of Healthcare Ethics, 20(1):73-84.
- OXFORD ENGLISH DICTIONARY (OED), 2008. Oxford, UK: Oxford University Press. Available at: <http://dictionary.oed.com>.

- PELLEGRINO, E., 2006. Bioethics and politics: "Doing ethics" in the public square, *Journal of Medicine and Philosophy*, 31: 569–584.
- SCHUKLENK, U., 2008. National bioethics commissions and partisan politics, *Bioethics*, 22(6): ii–iii, [Editorial]
- STRECH, D., SYNOFZIK M. & MARCKMANN, G., 2008. Systematic reviews of empirical bioethics, *J Med Ethics*, 34:472–477.
- TURNER, L., 2008. Politics, bioethics, and science policy, *HEC Forum*, 20(1):29–47.